

Relatório de Gestão – Mai/24

Rio Macro FIC de FIM

Macro				
FUNDO	% MAI/24	% ANO	% 12 MESES	% ACUMULADO
RIO MACRO FIC DE FIM	0,05	0,99	7,44	97,58
VS. CDI	5,88	22,48	62,37	88,56

ATRIBUIÇÃO DE PERFORMANCE	% MAI/24	% ANO	% 12 MESES	% ACUMULADO
Caixa	0,81	4,25	11,70	101,68
Juros	-0,06	0,53	0,66	37,25
Moedas	-0,25	-2,15	-1,62	-1,04
Bolsa	-0,08	-0,34	-0,17	3,89
Ativos externos	-0,14	-0,25	-0,49	-5,35
Custos	-0,23	-1,05	-2,64	-38,85
Total	0,05	0,99	7,44	97,58

início: 31/08/2015

Em maio nós mantivemos as posições vendidas em *euro* e em *yuan* contra o *dólar* e reduzimos a venda de *dólar* contra o *real*. Continuamos também com a compra de *small caps* no Brasil e a venda de *S&P* futuro.

Nos EUA, em maio, os indicadores de atividade e de inflação se moderaram e afastaram por ora o risco de superaquecimento da economia. O FED manteve os juros em 5,25% - 5,50% a.a., e J. Powell, em sua entrevista pós reunião, sinalizou que a autoridade monetária precisará de alguns meses de inflação mais baixa e com sinais de convergência para a meta para poder iniciar um ciclo de queda de juros. Ao mesmo tempo o presidente do FED considera improvável que tenha que subir os juros.

Na Europa, a despeito de alguns dados ligeiramente mais fortes de atividade e de inflação, o ECB reduziu os juros em 25 p.p. pela primeira vez. Porém, o comitê não se comprometeu com uma nova queda na próxima reunião e sinalizou que a política monetária será pautada pelos indicadores econômicos que forem sendo divulgados ao longo do tempo.

Na China o ritmo de atividade perdeu força em relação ao 1º trimestre e a inflação continua rodando perto de zero. O governo anunciou um programa de compra de casas prontas para atender à população mais pobre, o que deve dar um alívio às incorporadoras, mas não deve ser suficiente para acelerar muito a sua economia.

Portanto, no âmbito global o principal foco continua sendo nos EUA, onde ainda há algumas milhas para que a inflação volte para a meta e a economia segue resiliente e

longe de apontar para algo próximo a uma recessão. A nossa avaliação é que existe uma pré-disposição do FED de reduzir os juros, mas os dados simplesmente ainda não permitem. Assim, o FED fica confortável em esperar o momento apropriado.

Os principais riscos para o mundo emergente são de que a atividade nos EUA reacelere e faça com que o FED tenha que subir os juros novamente – por enquanto a barra está bem alta – e/ou esse juro alto por muito mais tempo “quebre” alguma coisa.

No Brasil o cenário externo mais desafiador cobra uma ortodoxia na nossa política econômica que o governo não entrega. A busca por aumento de receitas, com o intuito de tapar o buraco do aumento de gastos que a PEC da transição e o arcabouço fiscal contrataram, parece ter chegado no seu limite.

O Banco Central reduziu os juros em 25 p.p. em uma decisão dividida entre os antigos e os novos membros da diretoria e trouxe mais uma fonte de incerteza para o mercado. Ademais, o decreto que estabelece a meta contínua de inflação de 3% a.a. está há um ano para ser divulgado e, ao não ser, gera mais uma desconfiança. São muitos ruídos que precisam ser devidamente endereçados.

Atenciosamente,

Equipe Rio Gestão de Recursos.